

From: Bruno Marchand
To: André Maranh, Diogo Alvim, Renato Ferrão

8 August 2025

Dear André, Diogo, and Renato,
I hope this email finds you well.
Apologies for reaching out so abruptly during your holidays. I truly appreciate your willingness to join this project, despite the very short preparation time we have. I just wanted to share a few notes on what motivated me to present you with this challenge.

I’ve been working with the Fidelidade Arte space since 2009 and, after a quick estimate, I realized I’ve collaborated on around 29 of the many exhibitions that have taken place there since 2002. It is, by far, the space I know best as a curator/programmer.

Around the midpoint of the first cycle of exhibitions I curated there — between 2009 and 2013, when the space was still called Chiado 8 — I began to notice that the configuration of the interior rooms ~~(the sequence of three you can find in the attached floor plan)~~ often gave me the feeling of walking through a space with a liturgical energy. This “intuition” gained further support when we hosted the exhibitions Pedro Morais and Lourdes Castro conceived for the space: Pedro designed a path leading to a “firefly dance”, and Lourdes transformed the space into a gigantic chamber in which she presented just one (very unassuming) drawing. In neither case, however, did I address this idea (or intuition) in a clear, objective way.

I’ve been reading the work of French philosopher Bruce Bégout for some time now in the hopes that it will help me complete my doctoral thesis. My research tries to answer the question: “What happens to us when we view an exhibition?” — or, in other words, “What is the exhibition experience?” and Bégout has been working on a concept that might shed some light on the matter: the concept of *Ambience*. In very broad terms, he states that Ambience is the “phenomenogenic phenomenon” — the context that simultaneously enables and permeates all experience. According to Bégout, Ambiences are composed of specific tonalities, amplitudes, intensities, and durations, and the interplay between the Ambience and the Experiences that occur within or alongside it is one of close interdependence — so close, in fact, that separating them is just an atavism of our scientific tradition, which tends to sort and divide everything in order to better understand it.

What I envisioned as a potential idea or program for this exhibition was the challenge of creating an environment so deeply entangled with an artistic experience that the distinction between the two becomes practically — even desirably — impossible. Combining this impulse with the liturgical intuition of the space, the image I mentioned to you on the phone of the ‘secular church’ came to mind: a place of congregation where something happens that enables, simultaneously, a connection to both community and the transcendent. But a church without doctrine — just a given energy and a flow of intensities, in perpetual performance.

From: Bruno Marchand
To: Helena César

31 October 2025

Hi Helena,
Sorry for the delay. The past few days have been intense. Don’t worry — of course I understand the urgency. ~~Attached is an image,~~ and below are a few notes to help you sketch out the press release:

If you remember the initial idea of creating a “secular church,” I must say the project has diverged somewhat — though more in appearance than in substance. In our meetings, we never concretely discussed matters of liturgy or transcendence. These were like ghosts: not really present, yet never entirely absent either. What seemed to matter to everyone was the need to renounce all doctrine — any doctrine, and especially artistic ones — and the desire to create a “church” whose cult takes the form of a passage rather than a stay. This led to two decisions: to open the space instead of enclosing it, and to empty it rather than decorate it.

The emptying part was the easiest one. All of us agreed that the galleries wouldn’t be altered in any way or filled with objects. They would remain as the last exhibition left them — including the traces of the pieces, the drills, and the marks of the temporary structures that had been removed. From that point on, the discussions began to revolve around a delicate problem: how do you empty a space — and particularly an exhibition space — without making it a subject itself? As you well know, art history is full of empty galleries, and on the other hand, there was consensus that neither the rhetoric of “not-doing” nor the legacies of minimalism and institutional critique were relevant here. The solution was to shut off the light. Or rather: the solution was to light the galleries with only the light coming from the corridors, leaving the rooms in that limbo between not being lit and not being entirely dark. In essence, to leave them in that transitional state between inside and outside, sleep and wakefulness, art and... what is not art.

As for the rest, it was simply a matter of opening the doors. But opening them in such a way that a draft could form between them — a whistling wind swirling through the rooms, retracing the steps of those who, over the past twenty-five years, made and visited exhibitions there. If you thought that the “Trégua” (Truce) announced in the title referred to our general need to suspend conflict, you weren’t entirely wrong. But the expression mainly points to the pause that Fidelidade Arte’s programming will enter after this exhibition, which makes this show the final gathering of the said “secular church” — a church that, in the end, didn’t need to be created: first, because a church is not its space, but the community that inhabits it; and second, because that community already existed there, tacitly and informally, for a quarter of a century.

I would say, then, that *Trégua* is a homage in the form of a prayer: a continuous, uninterrupted prayer, stripped of all Word. The wind you hear is the palimpsest of eroded voices from that community — a following that came and went, again and again, without ever staying: a choir whose expressions became whispers, aural images of a summoned flow. From time to time, if you concentrate really hard, you’ll hear an uncanny breath within the wind. And if you’re a believer, you’ll be able to discern, in its metallic whistle, a quartet singing in synch a Perecquian hymn: “To the North: nothing; To the South: nothing; To the East: nothing...”

TRÉGUA

um projeto de / a project by
**Diogo Alvim
Renato Ferrão
André Maranh**

curadoria de / curated by
Bruno Marchand



Caros André, Diogo e Renato,
Espero que este email vos encontre bem.
Desculpem aparecer assim de rompante nas vossas férias. Agradeço mesmo muito terem aceitado integrar este projeto, apesar do tão curto tempo de preparação de que dispomos.
Venho, então, deixar apenas umas notas sobre o que me motivou a lançar-vos este desafio.

Tenho vindo a trabalhar com o espaço da Fidelidade Arte desde 2009 e, depois de fazer umas contas de cabeça, apercebi-me que já colaborei em cerca de 29 das inúmeras exposições que, desde 2002, por lá passaram. É, de longe, o espaço que melhor conheço enquanto curador/programador.

Sensivelmente a meio do primeiro ciclo de exposições que ali comissariei – entre 2009 e 2013, quando o espaço ainda se chamava Chiado 8 – comecei a notar que a configuração das salas interiores ~~— a sequência de três que podem encontrar na planta tem anexo —~~ me trazia frequentemente a sensação de estar a percorrer um espaço com uma energia litúrgica. Essa “intuição” ganhou outro respaldo quando ali pude receber as exposições que o Pedro Morais e a Lourdes Castro para lá conceberam: o Pedro desenhou um caminho para mostrar a dança dos pirilampos, a Lourdes fez do espaço uma gigantesca câmara para mostrar apenas um (e muito singelo) desenho. Em nenhum dos casos, contudo, cheguei a abordar a questão (ou esta intuição) de forma clara e objetiva.

Há já algum tempo que leio intermitentemente os escritos do filósofo francês Bruce Bégout. Tento há anos acabar uma tese de doutoramento que procura responder à pergunta “o que nos acontece quando vemos uma exposição?” ou, por outras palavras, “o que é a experiência expositiva?” e este filósofo tem trabalhado um conceito que pode verter alguma luz sobre a questão: o conceito de *Ambiência*. De forma muito resumida, ele afirma que a *Ambiência* é o “fenómeno fenomenogénico”, o contexto ou o substrato que, simultaneamente, permite e permeia toda a experiência. Segundo Bégout, os Ambientes são compostos por determinadas tonalidade, amplitude, intensidade e duração e o comércio entre o Ambiente e as Experiências que nele/com ele acontecem são de uma interdependência estreita – tão estreita que separá-los é quase só um atavismo da nossa tradição científica, que tudo parte e reparte para melhor entender.

O que me surgiu como potencial ideia de base ou programa para esta exposição foi o desafio de construir um ambiente de tal modo enredado na experiência que a distinção entre ambos seja, praticamente (e, diria até, desejavelmente), impossível. Juntando este impulso à intuição litúrgica do espaço, apareceu a tal imagem que vos falei da “igreja secular”: um lugar de congregação onde acontece algo que permite, ao mesmo tempo, uma ligação à comunidade e ao transcendente. Só que sem doutrina – só uma dada energia e um fluxo de intensidades, em performance perpétua.

Alô Helena,
Desculpa a demora. Os últimos dias têm sido intensos. Não te preocupes, claro que percebo a urgência. ~~Em anexo, uma imagem~~ e aqui algumas notas para que possas esboçar o comunicado de imprensa:

Se te lembras da ideia inicial da criação de uma “igreja secular”, devo dizer-te que o projeto divergiu um pouco, mas mais na aparência do que na substância. Nas nossas reuniões nunca discutimos concretamente as questões da liturgia nem da transcendência. Elas foram uma espécie de fantasmas que, não estando, também não deixaram de estar. O que me parece que todos valorizaram foi a necessidade de renunciar à doutrina (seja ela qual for, e especialmente à artística) e a vontade de criar uma “igreja” cujo culto se faz na forma de uma passagem e não de uma estada. Isso conduziu a duas decisões: abrir o espaço em vez de o fechar e esvaziá-lo em vez de o decorar.

A parte do esvaziar foi a mais fácil. Era consensual que não se ia intervir no espaço nem enchê-lo de objetos. Ele ia ficar como a última exposição o deixou, inclusive com as marcas das peças, dos furos e da remoção das construções temporárias à vista. Daí em diante, as discussões passaram a girar em torno de um problema delicado: como é que se esvazia um espaço – e, em particular, um espaço expositivo – sem que ele se torne um assunto? Como bem sabes, de galerias vazias está a história da arte pejada e, por outro lado, era consensual que nem a retórica do “não-fazer”, nem as heranças do minimalismo e da crítica institucional eram para aqui chamadas. A solução era fechar a luz. Ou melhor: a solução era iluminar o espaço apenas com a luz vinda dos corredores, deixando as salas nesse limbo entre o não estar iluminado nem estar totalmente às escuras. No fundo, deixá-las também nesse ponto de transição entre o dentro e o fora, o sono e a vigília, a arte e... o que não é arte.

De resto, foi abrir as portas. Abri-las de tal forma que entre elas se formasse uma corrente de ar, um vento sibilante que volteasse nas salas, retrçando os passos daqueles que, nos últimos vinte e cinco anos, ali fizeram e visitaram exposições. Se pensaste que a *Trégua* que o título anuncia se refere à necessidade generalizada de suspender conflitos, não estavas totalmente enganada. Mas a expressão remete sobretudo para a pausa que a programação da Fidelidade Arte vai conhecer depois desta exposição, o que faz dela a derradeira reunião da tal “igreja secular” – uma igreja que, afinal, não precisava de ser criada: em primeiro lugar, porque a igreja não é o espaço, mas a comunidade que a faz; em segundo, porque a comunidade já ali existiu, de modo tácito e informal, durante um quarto de século.

Diria, então, que *Trégua* é uma homenagem em forma de oração. Uma oração ininterrupta e destituída de verbo. O vento que se ouve é o palimpsesto das vozes erodidas dessa comunidade que passou, regressou, uma e outra vez, sem nunca ficar: um coro cujas expressões se fizeram silvos, imagens aurais de um fluxo chamado à colação. De tempos a tempos, se estiveres mesmo muito atenta, ouves um sopro estranho por entre o vento. Se tiveres fé, vais conseguir destringir no seu assobio metálico, um quarteto que canta em uníssono perecquiano: “Ao norte: nada; Ao sul: nada; A este: nada...”

7 NOV 2025

*

6 FEV 2026

FIDELIDADE ARTE

TRÉGUA, 2025
Áudio 6 canais
Audio 6 channels

FIDELIDADE
DIREÇÃO DE RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS
E RESPONSABILIDADE SOCIAL
DIRECTORATE OF
INSTITUTIONAL
RELATIONS AND SOCIAL
RESPONSIBILITY
Teresa Ramalho
Teresa Campos

CURADORIA
CURATED BY
Bruno Marchand

PRODUÇÃO
E COORDENAÇÃO
PRODUCTION AND
COORDINATION
Sílvia Gomes
MONTAGEM
ASSEMBLY
SGLDA

DESIGN GRÁFICO
GRAPHIC DESIGN
Sofia Gonçalves

ASSISTENTES DE SALA
GALLERY ASSISTANTS
Frederico Almeida
Nuno Oliveira